

Fernando Henrique de Passos

AS SETE FASES DA LUA
(poesia)

Universitária Editora
2000

*À minha Mulher,
que está sempre ao meu lado,
nas fases boas e nas menos boas*

PRÓLOGO

À minha Mulher

As sete fases da Lua:
Quando foi minha morada;
Quando se quebrou na rua;
Quando se refez na estrada;
Quando se anichou num vale
E foi ninho de pardal;
Quando subiu à montanha
E se fez teia de aranha;
Quando mergulhou no mar
Por me querer reconquistar;
Quando voltou a ser Lua
A brilhar no firmamento.

Sete fases teve a Lua,
Em constante movimento...
Sete fases teve a Lua,
Mas foi sempre, sempre, tua...

PessoalMente

O ETERNO ADOLESCENTE

Porque deixaram eles de sonhar?
Estiveram no Cais, frente ao vasto Mar,
Tinham nas mãos o Leme, a Noite sorria
E o Firmamento servia-lhes de guia...

Histórias da infância, as histórias do costume –
O Medo do Incerto, do Negrume...
E só eu, que não aprendi a navegar,
Continuo ainda a olhar o Mar...

AUTO-RETRATO (PSEUDO-SONETO DE PERNAS PARA O AR)

O Secretário-Geral
É um ser original:
Fala pouco e fala mal.

Quando está em reunião,
Só deseja um alcapão,
Escapulir-se pelo chão.

Mas, em geral, vem mudando
O Secretário-Geral.
Inda se chama Fernando
Mas já não vê só o Mal.

Já não anda só sozinho:
Casou com Teresa Maria.
Voltou ao velho caminho
E já vê o que não via.

SÓ MAIS UM CIGARRO

Só mais um cigarro,
Por amor de Deus!
Calaram-se os anjos,
Morreram cem estrelas,
Talvez um milhão.
Só mais um cigarro,
Não tenho dos meus.
Só mais um cigarro,
Por amor de Deus...

HERANÇA

Terror diário,
Ser como sou,
Viver no cérebro
Do meu avô.

Por toda a vida,
Sem ter razão,
Melancolia,
Dia após dia.

O pesadelo
De ser assim:
Viver com outro
Dentro de mim.

O FIO DA MEADA

(À maneira de Fernando Pessoa)

(Que difícil
É querer o que quero.
Como um míssil
Terra-ar,
Desespero
Por não ter onde aterrar.)

Em perpétuo movimento
Navego como um navio
Empurrado pelo vento
Que ele gera ao navegar.
Mas não vou por rio ou mar –
Ando às voltas neste lago
De desejar desejar.
Fosse eu mago e quebraria
O enguiço que outro mago
Lançou sobre mim um dia.
Mago não sou e, por isso,
Vivo em busca da magia,
Ou, por outra, viveria,
Soubesse eu como a buscar;
Mas – e sei bem como é estranho –
Só sei buscar o desejo
Que hoje sei que um dia tive
Mas que sei que hoje não tenho.

A ESTRADA

A Frederico Fellini

O Louco está mal –
Morreu outra vez
E não faz poesias
Há já mais de um mês.

Caíu do arame
Ao subir ao Céu
E agora está morto
E é de novo o Réu.

Julgam-no juízes
De expressão feroz.
Tenta abrir a boca
Mas já não tem voz.

Parece um sonâmbulo –
É um morto-vivo –
E esconde o seu rosto,
Dantes tão altivo.

Inda vai na Estrada
Que Fellini fez,
Mas não faz poesias
Há já mais de um mês...

PROJECTO DE TESE DE DOUTORAMENTO

Há que reestruturar,
Do princípio até ao fim,
Esta torre sobre o mar
Feita de jaspe e marfim.

Há que reorganizar,
Através de um audaz plano,
Este castelo no ar,
Inda antes do fim do ano.

Há muito que melhorar
Neste navio apagado
Para que possa brilhar
E lavrar, como um arado,

As férteis terras douradas
Esperando ser semeadas.

STARDUST MEMORIES

A Woody Allen

Sinto excessivamente o organismo.
Fecho os olhos para o sentir ainda mais,
Embora vá marchado à beira de um abismo.

Faço o vazio na minha mente.
Passo devagar por bancos de corais
Que me parecem os sinais
De qualquer coisa ausente.

Conto as pulsações do coração,
Enquanto me arrasto com cuidado
Por um vasto e verdejante prado,
Onde um rebanho de carneiros guarda um cão.

.....

Marchava lentamente à beira de um abismo,
Quando, sem pensar, soltei um brado
E me recusei a não ser mais que um organismo.

ALQUIMIA DELIRANTE

Saber tudo sobre tudo -
É assim que ele quer ser,
O meu Ser pontiagudo
Acabado de nascer.

(Ânsia de conhecimento,
De querer entender Deus!
Infindável movimento
Desde a Terra até aos Céus!)

Ter tudo o que se conhece
Presente na minha mente...
Já todo o meu Ser estremece
Ante a estrada à minha frente...

Saber tudo sobre tudo.
Fundir tudo de seguida,
Num Ovo imóvel e mudo
Como o segredo da Vida.

(Caldeirão de feiticeiro,
Alquimia delirante,
Dispersão do nevoeiro
Por um Novo Sol Reinante...)

A FALSA PAZ DOS TEOREMAS

De um lado, a trepidação do Mundo.
Do outro, a paz de um teorema.
Alguns entre os dois, o ritmo de um poema
Que eu quisera fecundo.

Poema que saís das minhas mãos,
Ajuda-me a virar a página do livro,
Arranca-me à contemplação
Da estéril, falsa paz do teorema,
Acalma a minha alma dividida
E faz-me mergulhar na verdadeira vida!

PROFISSÃO: PROFESSOR

Os livros, os cadernos,
Os lápis, as canetas:
Que bom sentar-me à minha mesa de trabalho;
Desta vez é que nunca mais eu falho!

Esvoaçam ideias como borboletas...
Prendo-as ternamente entre as minhas mãos,
Para as oferecer aos meus alunos, meus Irmãos...

A HERDADE DAS POLDRAS

Ao meu tio Carlos Martel

O que foi outrora este lugar?
Um descampado, um simples pomar?
Há dez anos, quando o visitei,
Era já uma futura floresta.
Sob a luz de um forte sol de primavera,
A mão em pala sobre a testa,
Passei os olhos por toda a extensão da terra quase nua.
Que ideia tão bonita a tua!...
Desde a velha casa abandonada,
Até ao cume da suave elevação,
Imponentes árvores ainda em embrião...
Que nobre ambição desinteressada –
Plantar a cerejeira brava, a nogueira, o castanheiro,
Sem pensar no lucro, no dinheiro.
As nobres árvores a que deste espaço
Têm o seu tempo, o seu compasso,
Não têm pressa no crescer,
E não viverás o suficiente para as ver
Sequer no esplendor da sua adolescência.
Mas tens o saber da paciência,
E sabes que te basta uma fracção da vida eterna
Para veres os netos dos netos dos teus netos
Correrem à sombra das nogueiras
Em mil folguedos, brincadeiras,
Sempre que a família der alguma festa
No aconchego da *tua* floresta...

OH MÃE, ESPERA EM DEUS

À minha Mãe

Oh mãe, pelo muito
Que sofres por mim,
Perdoa ao teu filho
Ter nascido assim.

Mãe, que já rezavas
Por mim no meu berço,
Te peço, te imploro,
Reza mais um terço.

Oh mãe, não desistas
De me ver curado,
Que agora eu já tenho
Alguém ao meu lado.

Reza a Deus por mim,
Reza a Deus por ela.
Oh mãe, não desistas –
Acende outra vela.

A PREPARAÇÃO DO ATLETA

Estou dentro de um ovo,
Sou um embrião:
Vou nascer de novo
No próximo Verão.

Vivo da esperança,
Preparo o futuro:
Sou uma criança,
Sou paciente e puro.

Espero p'lo solstício
(Força de quem crê)
Para dar início
Ninguém sabe a quê...

UMA BRECHA NA PAZ

Quando a noite chega, assenta a poeira.
Bebemos um Porto, eu fumo um cigarro.
Assenta a poeira, mas o vento não –
Penso sem cessar no grande Zenão.

Quando a noite chega, toda a nossa casa
É serenidade. Eu baixo o olhar,
Vejo a tua paz no espelho da mesa.
Apago o cigarro – vamo-nos deitar.
Mas os paradoxos do grande Zenão,
A uivar no vento, gritam sem cessar:
“Queremos solução! Queremos solução!...”

AUTO-CRÍTICA

Há muitos que sofrem
Com o sofrimento
Do povo chinês.
Eu jogo xadrez.

E tu preocupas-te
Com muitas notícias
Que escutas ou lês.
Eu jogo xadrez.

Há carnificinas
Pelo mundo fora
Semana a semana,
Mês atrás de mês.
Todos se revoltam.
Eu jogo xadrez.

Há tanta injustiça,
Há tantos absurdos,
Há tantos porquês...
E eu, de pantufas,
Bem junto à lareira,
Eu, jogo xadrez.

NA MORTE DE UM IRMÃO

Filipe,
As folhas do Outono são agora as lágrimas das árvores
E tombam sobre nós,
Que nos abraçamos,
Como se te abraçássemos num derradeiro adeus.
Desculpa se interrompo.
Presumo-te ocupado, aí em cima,
A domar cavalos entre o fulgor dos raios de um Sol que nós não vemos,
Na tua herdade, que cá em baixo só sonhaste.
Sabes, desligo o gira-discos,
Em busca de te ouvir,
E às tuas gargalhadas francas.
Ponho de lado as minhas equações,
Para também te ouvir pensar.
Procuro no céu o azul límpido dos olhos que eram teus,
Mas é já noite.
Ah, tenta estender a mão, tenta tocar-me
E fala-me do último filme que tu viste.
Fala-me do teu último trabalho,
Fala-me de qualquer coisa, Filipe,
Que tenho medo de esquecer a tua voz,
E os teus modos ainda um pouco de garoto do liceu,
Palpitação da tua grande alma de criança.
Filipe, tenho ao meu lado um livro para ti.
Eu queria dar-to; não calhou.
A dedicatória tem data de há três meses –
Desejava-te a felicidade de encontrares
Um amor tão grande como o meu...
E agora, Filipe,
Eu sei que o encontraste.

DescontraídaMente

AUTO-CONSELHOS

Ser um grande herói?
Era o que tu querias!
Deixa-te de lendas
E de fantasias!

Vê-te bem ao espelho,
Deixa a ilusão.
Cada órgão teu
Tem sua função.

Vive como homem –
É o que tu és.
Pensa com o cérebro,
Marcha com os pés.

Não queiras ser tudo –
És só o Fernando.
Não penses na meta,
Vai só caminhando.

Basta de exageros,
Megalománias.
Ser um semi-deus?
Era o que tu querias!

UM ZEN À ESQUERDA

Vou em busca do nirvana
Já na próxima semana!
Não é rude caminhada –
Basta-me não fazer nada.
Basta-me fechar os olhos,
Para já não haver escolhos.
Basta deixar de pensar,
Pôr o cérebro a descansar,
Para ser iluminado,
Descobrir o outro lado –
Transcendente e surreal –
Deste mundo material.
Vou em busca do nirvana
Já na próxima semana...
Vou subir a longa escada
Sem ter que me mexer nada.

.....

Já passaram oitenta anos,
Sou uma velha carcaça,
E não realizo os meus planos.
Não percebo o que se passa –
Tinha um encontro com Buda
No Lugar-Que-Nunca-Muda...

QUARENTA ANOS

Achavas que trinta
Já era demais?
Toma lá quarenta! –
E hás-de ter mais!

Achavas-te velho,
Dez anos atrás?
Com mais dez ou vinte,
Já só bebes chás!

Com que então, trinta anos
Era um disparate?
E que tal quarenta?,
Oh poeta!, oh vate!

Escreve mais uns versos,
Que ninguém se rala,
E, sem dares por isso,
Já estás de bengala!

Escreve mais uns versos,
Se te der na gana.
Enganas o tempo?
– Ele é que te engana!

QUADRA POPULAR*

Se eu mandasse nas TV's,
Nem que fosse por um dia,
Fazia o que ninguém fez:
Uma lei que as abolia.

* Enviada para o concurso do programa "ACONTECE".

METAMORFOSE (CONCLUSÃO)

Que chatice tão chata –
Matei uma barata
E era o pobre Gregor.
Nunca pude sonhar
Que o feio bicharoco,
A correr pelo chão
E a rogar mil p'ragas
Ao maldito patrão,
Fosse o meu velho amigo.
Mas o quarto era escuro
(Apenas um postigo
Deixava entrar a luz)
E eu nunca supus
Que ainda ali estivesse,
Ao fim de tantos anos,
O desgraçado Gregor,
Caixeiro-viajante.
Se fosse um elefante,
Eu tê-lo-ia visto.
Mas era uma barata...
Mas que grande imprevisto...
Que chatice tão chata...
Pronto, está bem, desisto! –
Desisto de entender
Os livros do teu pai.
Sem já te ter a ti
Para, a meu belp'razer,
Estudar, interrogar,
Inquirir, desvendar,
Nada posso saber...
Adeus, oh pobre Gregor,
Que foste um pouco eu próprio.
Perdoa o que te fiz
E perdoa também,
Se puderes perdoar,
Que eu já mal pense em ti,
Que acabas de findar.

ESCRITÓRIO VIVO

Hoje o meu escritório é vivo,
Ele é todo movimento.
Já nada aqui é passivo,
Mas fremente firmamento.

Esvoaçam livros, papéis,
De várias cores e tamanhos,
Grandes maços com cordéis
E com invólucros castanhos.

O meu escritório respira,
É mesmo um ser animado.
E como agora me inspira
Pensar como no começo
(Tempo que já quase esqueço)
Foi um espaço tão parado...

ABSOLUT ZAMITH

Ao Pedro Zamith, afilhado, primo e amigo

O convite do Zamith
Veio inopinadamente.
Despertou-me o apetite,
Respondi-lhe prontamente.

A primeira exposição?
Que espantosa novidade!
À tua inauguração,
Para te apertar a mão,
Caia o Carmo ou a Trindade,
É que eu não falto, não!

E lá fomos, todos três,
A Teresa, eu e o Paulo,
Ver os quadros, as BD's,
E tudo o mais que aqui calo.

Sorte de quem aqui veio!
Pelo talento que tens,
Pintor do horrendo e do feio,
Pedro, estás de parabéns!

SurrealMente

UM PERFEITO DOIDO

Estendia-se o doido em loucos relvados,
Longos os braços, alvos, depenados,
Olhos de raposa vislumbrando demónios alados.

A erva envolvia-lhe os cabelos.
Agora, já não tinha pesadelos.

Os demónios poisavam-lhe no peito.
Ele acolhia-os com respeito
E fazia das lágrimas deles o seu leite.

Nadava o doido entre duas dunas.
Decifrava cifras, decifrava runas.

Quando o sol se pôs,
Ergueu os braços e voou qual albatroz.
Doidos somos nós...

ABSOLUTAMENTE

“Tarefa ingrata,
Ser-se pintor.
A gente mata
E é nossa a dor.”

“Perfeitamente”,
Disse o Doutor,
“Mas de que gente
Fala o senhor?”

Fechei os olhos,
Não disse nada,
E soluzei
Até já ser
De madrugada.

O FESTIVAL ESTRANHO

Conjuro-vos, bruxas
De tempos de antanho.
Vinde, velhas murchas,
Ao Festival Estranho.

Trazei as vassouras,
Trazei as correntes.
Trazei escravas mouras
E concupiscentes.

Relembrai magias,
Receitas nefastas.
Rezai-me poesias
Que não sejam castas.

A hora é de festa,
Vinde, que é preciso.
Queimai a floresta
Que morreu Narciso.

Passo muito mal,
Porque em mim há dois.
Vinde ao Festival
Montadas em bois.

Em mim eram dois,
Nenhum com Razão.
Vinde dançar, pois,
Sobre o meu caixão.

PAISAGEM MARCIANA

Ao Pedro Zamith, para que transforme esta poesia numa pintura

Um corpo azulado
Num p'rado vermelho
Tombado na erva
Ao lado de um espelho

Um abutre negro
Um leão doirado
Uma árvore seca
Um demónio alado

No nascer do Sol
No ar cristalino
Silêncio sideral
Carta sem destino
Esquecida no chão
Taça de cristal
No azul da mão

Não há movimento
Só uma ampulheta
Sobre o horizonte
Mede cuidadosa
A velocidade
De arrefecimento
Do corpo sem vida
E do firmamento

POEMA LÍRICO E, SIM, FÓNICO

O Caldas é um baldas. Tubo bem disse ele sizudo de balde. Porque afinal afia mal também não é correcto. Cú recto? Não, anal. Canal? Carnal. Que horas são. Coras, São? Do lado de fora da hora há tempo demais há lama da ama e muitos sinais quase temporais. Sim, cosílabas não! Símbolos sim! Sim, bolos! Rolos camelos canudos carnudos encarnados drenados. Deixem-me dormir lá fora no quintal... Há muito, muito tempo, nas margens de um lago florido, uma bela jovem linda pequena graciosa ingénua delicada pastora. Paz, Tora. Eh pá, stora! Peste ora. Tico-tico-serapico. Frente do lado de dentro. Centro do lado de fora. Ora, ora... O padre na capela. Cá pela capela o capelão já pela o pão grita: já, pão! Rumo ao Japão. Brá Zil! Teorema (Sigmund Hilbert e Gödel da Silva, *Canais da Tísica*, 1999): Se nil nihil, então fu nil. Cú ρ lá rio: O vento silva. O ara sulca do Sul cá do lado. Gado, gado. Grande pecado. Depois do fado foi engrandecido. Encanecido. E cá nascido, o néscio. Depois de mim o aprés moi. Portanto, pela alínea há, disse o pastor às suas jovens e esguias ovelhas. Ou velhas. E assim sucessivamente até o Sol se pôr. Supôr. Supondo que o Sol supõe. Supondo que o Sol se põe se pondo. E assim sucessivamente. SOCORRO. Só corro. Exacta mente como. Em nove m bromo menos mó i dez em bromo menos mó d nó venta *it rês*. (Isto é uma chá rasa menos Sá mais dá.)

Assinado,

Assim Nado

À ESPERA DA VANGUARDA

Sitting on a cornflake – waiting for the van to come
John Lennon

Eu ouvia o clamor daqueles que se fingem loucos
E mal o distinguia
Das indescritíveis visões místicas dos santos.

(Na tarde parda
Tarda a vanguarda.)

Depois, fez-se o silêncio,
Detiveram-se os electrões nos circuitos integrados,
E vi velhos missais em chamas
Sobre os altares de capelas em ruínas.

(Na tarde parda
Tarda a vanguarda.)

Depois, ouvi um som,
Tão débil como o do deslizar de uma águia
Mil metros acima das nossas cabeças.

(Na tarde parda
Tarda a vanguarda.)

Depois entendi
Que aqueles que se fingem loucos
Não sabem que são santos
A tentar contar-nos
As suas indescritíveis visões místicas.

(Na tarde, alada,
Chega a vanguarda.)

ONIRISMO HOLÍSTICO-CONFUSIONAL

O dique extravasou. Anoitecia.
As águas, havia anos prisioneiras,
Galgaram montes, desceram ribanceiras,
Crescendo sempre e sempre de energia.

O dique extravasou. Eu já dormia,
Num leito improvisado com cadeiras,
Tendo por lençóis velhas bandeiras.
Adormecera ainda à luz do dia.

O dique extravasou, e eu não sabia,
Mas se a água rompia todas as barreiras,
E arrasava lares, fábricas, feiras
E tudo o que em seu redor se erguia,
Era por minha causa que o fazia.

A LISTA NEGRA

Devolvam-me a minha cabeça!
Gritou São João Baptista,
E eu com ele,
E comigo todos os outros da lista.

Os condenados não podem gritar!
Gritou Salomé,
E com ela Herodes, que estava sentado,
E com ele o povo, que estava de pé.

Do fundo de um escritório escuro e poeirento,
Bogart empunhou o revólver e disparou.
A Lua suspendeu o seu movimento
E Kennedy tombou.

A enfermeira assinou o papel,
E sussurrou, suave como mel:
Antes que me esqueça –
Por favor, devolva-me a minha cabeça.

MY NAKED LUNCH

A David Cronenberg e William S. Burroughs

Há um mundo de sombras por detrás da estante.
Quero desvendá-lo.
Vibram as paredes, animadas – som penetrante
Em que me embalo.

Um macaco azul de pénis vermelho
Cospe-me na testa.
Oíço um escaravelho:
“Hoje há uma festa”.

Penumbra sem horas nem minutos:
A minha sombra esguia no soalho
Contorce-se em espasmos absolutos;
Eu estou imóvel; a lamparina arrefece-me o trabalho.

Símbolos caídos no cesto dos papéis:
Devo escrever mais.
Vejo autoestradas onde correm corcéis
Que me forram o peito de jornais.

Um copo de água sobre a mesa:
Cintilação de estrelas mortas;
Uma lua acesa
No estreito quarto de sete portas.

Os sete monstros passam a fronteira:
Estão deste lado.
Falam comigo da manteigueira;
Sou avisado.

Só quando toca a campainha
É que desperto do pesadelo:
A luz é minha.
(Mas o outro mundo, como esquecer-lo?)

MetafísicaMente

ESPLENDOR

A águia das águas
Desfolhava mágoas.
O lago era largo,
O arbusto amargo.
A águia-real
Sentia-se mal.

Num esplendor de espadas,
De estrados e estradas,
Ergueu-se nos ares,
Pairou sobre os pares
E voou veloz,
Deixando-nos sós.

AS FRUSTRAÇÕES DE UM POETA MENOR - I

O universo regorgita de poesia.
Quero sorvê-la toda, avidamente,
Viver a Eternidade no Presente,
Fazer o que, antes de mim, ninguém faria.

O Universo regorgita de poesia.
Quero vertê-la no virginal papel,
Cingi-la a mim como um anel,
Abraçar todo o Tempo num só Dia.

O Universo regorgita de poesia,
E eu sou pequeno demais para a conter
E desespero de a poder vir a viver –
Pequeno poeta falhado em agonia...

NO FIM DE UMA TARDE DE FIM DE VERÃO

A frase do frade
Ribombou na tarde.
O velho Mosteiro
Tremeu todo inteiro.
Sílabas tão graves
Que tombaram aves.
Um som tão agudo
Que penetrou tudo.

A frase do frade
Ecoou na tarde.
Cresceram no mar
Ondas de assustar.
Ventos sem igual
Sop'raram no vale.
A terra abanou
E Deus soluçou.

A frase do frade
Extinguiu-se na tarde.
Que desolação
Neste fim de Verão...
Tudo fora dito
Num único grito,
E fora demais
Para nós, mortais.

A frase do frade
Renasceu na tarde.
Vibrou um instante
Num espaço distante.
Encheu de perdão
O final do Verão.
Espalhou alegria
Pelo fim do dia.

A frase do frade
Ergueu-se na tarde.
Tocou, leve, o céu
E rompeu-lhe o véu.
Despertou do sono
O Verão-quase-Outono
E fez de crateras
Brotar Primaveras.

A frase do frade
Era a própria tarde;
O tempo suspenso
Num momento imenso;
A cadência lenta
De um Rei que se senta;
Compasso final
Do espaço sideral.

O velho Mosteiro
Brilhou todo inteiro.
Abriu os portões
Para as multidões
Chegadas de longe
Para ouvir o monge.
Abriu as janelas,
Abriu-se às estrelas

Que, do firmamento,
Diziam ao vento
Para se acalmar.
E o frade, a chorar
Tão suavemente
Como quem não sente
Senão a alegria
De acabar o dia,

Repetiu «amor»,
E deu-se ao Senhor...

A MONTANHA - VARIAÇÕES SOBRE A *TRICK OF THE TAIL**

Ao Paulo, que, penso, idolatra este disco quase tanto como eu

0.
Pela última vez,
Olho a Montanha
Do sopé.
A fronteira do Mundo,
A passagem estreita e estranha!
Quando perdi eu a Fé
Que me levaria ao cume
Donde jorra o lume?
A nascente do Mistério,
A Fenda
De que fala a Lenda,
Para sempre inacessível...
Afoguei-me no vinho
Proibido.
Sou só mais uma das cruces no caminho...

1.A
Oiço madrigais
Quando sobrevooo
Casas e telhados.
Esqueci-me dos Sinais
Dos Velhos ensinados.
Só na minha cela,
Bem resguardado,
Aguardo a luz da vela
Da Enfermeira
Que, lentamente,
Sobe os degraus.
Longe, muito longe,
Na sua esteira,
Navegam naus.

* Disco do grupo musical *Genesis*.

1.B

Senhora Enfermeira,
Deixe-me sair,
Leve-me à Montanha!
“Deixa-te dormir...”,
Dizem-me baixinho.
E trazem-me lenha
P'ra que agonize
Junto à lareira
Enquanto espero
Em desespero
A Enfermeira.

2.A

Caçador e Presa,
Presa e Caçador,
Horror e Beleza,
E Beleza e Horror.

Sou o animal,
Sou o fugitivo.
Fiz eu algum mal?
Querem-me cativo...

Caçador furtivo,
Eu procuro a Dor
E por ela eu vivo.
Sei-te sedutor,
Tu sabes-me esquivo...

E sabes o que procuro
Quando fujo do rumor
Do Povo teu Criador.

Dá-me o Negro mais escuro,
Que eu te dou o meu Futuro -
Serei teu, oh Caçador!

2.B

Vais muito devagar,
Oh Bicho-de-Olhos-Tristes,
Bicho-Que-Tens-Medo -
Vão-te apanhar
Antes que avistes
Um só rochedo
Dessa Montanha
Que te iria salvar...

3.A

Que vasto deserto!
Aqui todos os homens são de areia,
De noite é sempre lua-cheia,
E o mar nunca está perto.

Para aqui voei quando descobri
Que faltava descobrir não sei o quê.
Mas areia é tudo o que se vê,
E eu tenho medo de morrer aqui...

3.B

No centro do Deserto - A Montanha!
A Montanha envolta em fumos e vapores,
Juncada de cruces de todas as cores...
Dentro de mim – a Façanha...
Voa, cavalo de areia! –
Leva-me ao Centro do Mundo,
Através dos leitos de rios secos – que eu inundo
Com as lágrimas que correm pela minha Face-Feia...

4.A

Eu sou o Ladrão,
Sou o Bandoleiro –
Não quero tesouros,
Não quero dinheiro.

Percorro, furtivo,
De noite, os telhados.
Os pobres burgueses
Acordam aos brados.

Chamam a polícia,
Vou a tribunal.
Querem-me prender? –
Não faz nenhum mal...

Voltarei um dia,
Com novas ideias;
Não me deterão
Nenhumas cadeias.

Pois sou o Ladrão,
Sou o Assaltante –
Vossa vida é curta,
Meu Sonho é distante.

4.B
Procuro o mesmo que vós,
Perseguidores do Mistério.
Quero ir roubar aos deuses
O mapa da Eternidade...

Procuro o mesmo que vós,
Perseguidores do Mistério.
Já cruzei um vasto mar,
Já percorri um deserto,
Desflorei florestas virgens...
Sei-me cada vez mais perto
Do Templo que vou pilhar...

Procuro o mesmo que vós,
Perseguidores do Mistério.
Sigo a mesma branda voz
Da terra que vou violar.
A Montanha será minha
Ou será meu cemitério...

5.A
A lagoa é calma...
Parecia sê-lo no começo do dia...
Mas, de tarde, passou a rapariga que sofria,
De grandes olhos tristes e azuis...

As ondas que formou à superfície,
Quando embarcou sabe Deus para onde,
Perdem-se agora na distância...

E nós, detidos na margem,
Já não as avistamos,
E deixamos os nossos suspiros
Confundir-se com a aragem...

5.B

Aonde vão as ondas que se afastam?
Lendas falam de uma Grande Montanha
Para lá dos confins da lagoa –
Talvez a Terra Prometida...

E eis que os nossos passos já se arrastam,
Mas não por qualquer estrada ou avenida...
Vamos em busca da rapariga de olhos tristes,
Vamos em busca da Montanha,
Como outros antes e depois de nós.
Podemos talvez morrer na caminhada,
Mas obedecemos ao sonho dos nossos avós...

6.A

Chifres na cabeça,
De cauda comprida,
De pelo castanho...
Ninguém entende os sonhos do Estranho.

A sua Cidade era de ouro,
Altas eram as suas Torres,
Vasto era o seu Terreiro...
Ninguém entende os sonhos do Estrangeiro.

Maldita a hora em que deixou os seus,
Para se perder na terra das ingratas gentes!
Lágrimas lhe correm dos olhos doentes...
Porque o deixou Deus?

6.B

Buscar o Segredo,
Partir manhã cedo.

Não ser como os demais,
Cruzar fundos caudais.

Enfrentar a gente estranha
Que não sabe da Montanha.

Romper grades de prisões,
Fugir do mundo de anões.

Delirar no ar do alto,
Saltar abismos, incauto.
Reencontrar o lar,
Mas já noutra lugar.

Partir, sim, partir!
(Sabe onde tem de ir...)

.....

Ω.

O Centro é Periferia...
Eu sou todos e todos e todos são em mim...
E tudo é exacto e tudo é magia,
E a Montanha é de Ébano e Marfim...

Dancemos sobre o Vulcão
No Solstício deste ou doutro Verão!

Forcemos as portas deste Mundo ignoto!
Lançai-vos sobre as asas que por vós eu solto!

Rompam-se as portas da Eternidade!
Eis que é nossa a velhíssima Cidade...

(E todos caímos de joelhos no chão,
Curvados sobre o solo sagrado do Vulcão...)

DOS SENTIDOS OCULTOS DO SER

Suspendeu-se o tempo
Em pontes paradas,
Em tardes passadas,
Em bermas de estradas.

Suspendeu-se o tempo
Em suaves colinas,
Em ténues neblinas,
Em poços de minas.

Suspendeu-se o tempo
Em lanços de escadas,
Pedaços de espadas,
Cortinas rasgadas.

E, no espaço imóvel,
Vibrou um insecto
Insignificante,
Quase sem ruído,
Dando àquele instante
Todo o seu sentido.

NO FIM DO MAR NÃO HÁ NADA

No fim do mar não há nada.
As aves erram no céu
Sem qualquer rota traçada.
O vento quase não sopra,
As águas já mal se agitam
E o barco, sem enseada,
Após a longa viagem,
Vê a fronteira almejada,
Mas depois dela mais nada...

De repente cai a noite,
(Que noite tão escura e fria...)
As aves gritam no céu
Mas ninguém consegue vê-las.
(E, no céu, nem sequer estrelas).
Quem tivesse a ousadia
De, no negrume da noite,
Ir, quando nada se via,
Ver o que é que o mar escondia...

E volta a nascer o sol.
E volta a noite a cair.
E passam dias, semanas,
E o barco sempre parado,
Sem saber para onde ir.
E passam meses e anos,
E o barco só sabe estar
Imóvel, triste e apagado...

No fim do mar não há nada,
Terras, monstros, deuses, ninfas,
Nem regresso inesperado
Ao porto de que partimos.
No fim do mar não há nada,
Dizem os mais sábios sábios.
Mas, de quantos já partiram,
Não houve um que regressasse,
Nem um só p'ra mo contar...

E por isso me preparo,
Pois um dia hei-de embarcar,
E navegar, navegar,
Para conseguir, enfim,
Ver o que há no fim do mar...

MILÉNIOS

No fundo das águas,
Um peixe do século XX
Deslizou, indiferente,
Por cima de uma imponente esfinge egípcia
Do tempo de Ramsés II.
Os mergulhadores,
Num impaciente fervilhar de bolhas,
Continuaram na sua azáfama de cordas e correntes,
Em torno do gigantesco bloco de pedra
Desfigurado pelos milhares de conchas que o cobriam.

OS ÚLTIMOS MINUTOS ANTES DO DESVENDAR DO MISTÉRIO

Agora que o Sábio
Está quase a chegar,
Tenho que ser forte -
Não posso chorar.

Mas, meu Deus do Céu,
Como estou cansado!
E a noite é tão escura,
E o ar tão pesado...

Agora que o Sábio
Está à minha porta,
Não posso cortar
O fio que me corta.

Mas, meu Deus do Céu,
Sinto-me tão preso!
E ardendo no lume
Por mim próprio aceso...

Agora que o Sábio
Chega à minha beira,
Não posso folgar -
Desarmem a feira.

Mas, meu Deus do Céu,
Foi tão bom folgar,
Debaixo do sol
E à luz do luar...

.....

Agora que o Sábio
Me despe e me lava,
Não receio mais
O que receava.

E, meu Deus do Céu,
Tudo faz sentido,
E entendo a razão
De aqui ter vivido...

A MORTE TÉRMICA DO UNIVERSO

Fechar-se-ão os livros para sempre,
Imóveis por toda a infinidade dos séculos vindouros,
Numa progressiva sonolência de pó e abandono,
Ansiando em vão pelos dedos que os folheiem,
Pelos olhos que neles se saciem.

Despovoado, o universo irá lentamente arrefecendo,
Como foi predito pelos físicos.
Apagar-se-ão, a pouco e pouco, todas as letras jamais escritas.
E, mudos para sempre, os velhos livros esquecidos
Serão os únicos a contemplar a Eternidade.

O MUNDO SEM SENTIDO DA CIÊNCIA

Vimos os dois a estrela cadente.
Tu perguntaste-me o que queria dizer,
Mas eu só te soube dizer o que era.

AS FRUSTRAÇÕES DE UM POETA MENOR - II

Vou buscar o caderninho dos poemas.
Já lá escrevi umas centenas,
Mas não o derradeiro,
Aquele que diga tudo o que não disse no primeiro,
Que diga tudo o que não disse nos seguintes,
E que tenha por leitores ou por ouvintes
Todos os seres do planeta.
Tiro a tampa da caneta,
Deixo correr o bico pela folha...
Tantas palavras à minha escolha!
Porque hesito então,
E deixo de pensar e suspendo a mão?
Meu Deus!, o Mundo é muito complexo
Para caber no estreito amplexo
Dos poucos versos de um poema.
Mas tenho pena, Senhor, eu tenho pena,
Eu tenho tanta, tanta, tanta pena...

NOVO DISCURSO DO MÉTODO

O dia terminou numa hora incerta,
Vagas palpitações de vida debruando
Os horizontes do crepúsculo.
Cerrou-se a noite,
Calando charcos, pântanos, lianas.
Seria o Nada?

O sol nasceu. – Seria o de ontem?
O tigre espreguiçou as suas listas
Sobre a erva fresca da manhã –
O novo dia era verde e oiro
E o chacal negro
Como a noite que morrera.

Ao meio-dia,
Cego pela luz,
O filósofo viu que se perdera
E deixou-se guiar apenas pelo som do vento,
Que o conduziu ao âmago do bosque.

Ao fim da tarde, vibrou um som de flauta.
No fluir incessante das notas musicais
Estavam de novo todas as certezas.
Podia vir a noite...
Podia, enfim, sonhar...

SINAIS

Há uma flor a crescer
No canto mais escuro do jardim.
Cresce sem saber dela
E sem saber de mim.

(De noite, os perfumes
Que pairam no ar
São como suspiros
Ou um segredar.)

Há uma criança a sorrir
Num baloiço ferrugento,
E um homem velho a pedir,
Calado, sem um lamento.

(De dia, quando o sol brilha,
Reflexos de luz nos prédios em frente
Fazem-nos sentir um amor infinito
Por toda a gente.)

Há uma flor a crescer
No canto mais escuro do jardim.
Ela não o sabe,
Mas cresce para mim.

FACHADAS TRISTES

Como são tristes as fachadas dos prédios,
De todos os prédios, sem exceção.
Quanto mais andares os prédios têm,
Mais tristes as fachadas são.

Como são tristes as capas das revistas antigas,
Todas as capas, sem exceção.
Quanto mais anos as revistas têm,
Mais tristes as capas são.

Como são tristes os olhos das crianças cegas,
De todas as crianças cegas, sem exceção.
Quanto menos anos as crianças têm,
Mais tristes os olhos são.

Mas que alegria nos prédios, nas revistas, nas crianças,
Que alegria em todos, sem exceção,
Se nos abrem as portas, as páginas, o coração.

TÁVOLA REDONDA

Ao meu Pai

Que me deis velhas lendas,
É tudo o que vos peço.
Não quero outras oferendas –
Falai-me do regresso

Do grande Rei Artur,
Da bela Guinevere,
Da espada Excalibur,
Do tempo em que a Mulher

Era quase sagrada
E o Homem era altivo.
(Era desencantada,
Esta em que agora vivo...)

Janelas como fendas,
Mas olhos como lagos...
Contai-me velhas lendas...
(Princesas, fadas, magos...)

EPITÁFIO PARA UM JOGADOR ANÓNIMO

Papéis coloridos num cinzeiro...
Pedacitos rasgados de cautela
Vendida por algum cauteleiro...
Os sonhos semanais devem morrer.
Ressuscitam depois por mais algum dinheiro.

Naquele café dos subúrbios de Lisboa,
Alguém sentado à mesma mesa
Aonde agora nos sentamos nós
Repetiu o rito da tristeza,
Conformado por mais uma semana
A deixar-se ainda ser quem era.

Começava já a Primavera,
Sentava-se o Sol de novo no seu trono.
Mas, p'ra gente assim, é sempre Outono...

ENFIM

Porque um dia, enfim, conheceremos tudo,
Quando fecharmos os livros de estudo,
Quando escutarmos o trovador mudo.

Porque um dia, enfim, tudo fará sentido,
Quando ouvirmos mais do que ruído,
Quando abrirmos o Livro esquecido.

Porque um dia, enfim, veremos a Harmonia,
Quando amarmos a Besta crua e fria,
Quando enfim voltarmos ao Mar do Primeiro Dia.

ReligiosaMente

PERFEIÇÃO

Gente tão bela
Que tu me mostras,
Minha janela!

Inda em botão,
Já desabrocha,
Caramanchão.

Carne perfeita,
Vida da alma,
Nova Colheita.

Corpos de Luz,
Troncos erguidos,
Ao peito a Cruz.

Em comunhão,
Totalidade
De perfeição...

Gente tão bela
Que tu me mostras,
Minha janela!

TODA A VIDA NUM SÓ GRITO

Oh meu Deus, socorro,
Perdão e piedade,
Mas juro que morro
Ou queimo a Cidade!

(Desculpa eu fumar
Enquanto te falo -
Mas, mesmo a pecar,
Calar-me não calo.)

Oh meu Deus, socorro,
Perdão e piedade!
Mas juro que morro
Temendo ser tarde

P'ra me arrepender;
Oh meu Deus, perdão,
Que eu não sei viver,
Morrer também não.

*Oh God, tell us why
We live in this land.
We suffer and cry -
Please lend us a hand!*

*Mon Dieu, s'il Vous plait,
Aidez Vos enfants.
Pour Vous c'est facile -
Tendez une main...*

Meu Deus, por favor,
Se é mesmo verdade
Que só és Amor,
Perdão e piedade!

Perdão e piedade,
Oh Grande Senhor,
É já muito tarde,
Passou muita dor.

Passou dor demais,
Oh Grande Senhor;
Ouve os nossos ais,
Tu que és só Amor!

Tanta podridão
E tanta discórdia...
Oh meu Deus, perdão
E misericórdia!

Tanta podridão,
Em mim e lá fora...
E tanta oração
Sem que chegue a Hora...

Oh meu Deus, socorro,
Perdão e piedade,
Mas juro que morro
Ainda esta tarde

Se tu não me ouvires,
E queimo a Cidade!
Oh meu Deus, socorro,
Perdão e piedade...

EXCOMUNHÃO

Aos teólogos da ortodoxia católica

Da vida e das palavras
De Nosso Senhor Jesus Cristo,
Nosso Mestre,
Fizeram um aborto arquitectónico,
Um edifício grotesco e monstruoso,
Mais tortuoso
Que uma visão de alucinado.
Quem não se sentir bem lá dentro –
É excomungado.

RECLAMAÇÃO MODELO POIS HÁ

Senhor há um excesso de mistérios.
Todas as campas que há nos cemitérios
Escondem os corpos corroídos dos homens e mulheres
Que morreram sem decifrar os Teus mistérios.
(E, Senhor, há tantos cemitérios...)

A FLECHA DO TEMPO

1.

Há um mar de luz
Que enche o espaço todo,
E no centro um velho
De braços abertos.

Há cumes altíssimos,
Abismos sem fundo,
E no centro um velho
De braços abertos.

Há um temporal,
Faíscas no ar,
E no centro um velho
De braços abertos.

Há um oceano
De águas sereníssimas,
E no centro um velho
De braços abertos.

Há um extenso p'rado,
De um verde intangível,
E no centro um velho
De braços abertos.

Há um universo
Quase sem limites,
E no centro um velho
De braços abertos.

Há biliões de homens
Num planeta azul,
E no centro um velho
De braços abertos.

2.

O velho, cansado,
Cada vez mais velho,
Quer baixar os braços,
Já sofreu demais,
Mas não vai baixá-los,
Sabe que não pode,
Que não é o tempo,
E abafa um soluço,
Permanece estático,
Sempre à espera, à espera,
No centro da luz,
No centro das trevas,
No centro de tudo,
Vai esperando ainda,
E ninguém o vê,
Nem sabe o que espera.

Mas o velho espera,
Vai esperando ainda...

NATAL 98

É Natal.
Estamos todos um pouco doentes,
Como habitualmente,
Mas estamos contentes,
Porque hoje é Natal,
E, na nossa mesa,
Reluz,
Sobre a alva toalha,
No berço de palha,
O Menino Jesus.

FÉ

À comunidade da Casa Sacerdotal de Évora

Na pequena capela improvisada
Somos meia dúzia, somos só seis crentes.
Não há vitrais, relíquias, nada,
Mas estamos serenos, estamos contentes.

A pequena capela improvisada
É muito humilde ao pé das catedrais.
Não tem vitrais, não tem relíquias, nada –
Alberga seis crentes, e pouco mais.

Na pequena capela improvisada
Cristo faz-se pão, entrega-se aos crentes.
Juntos adoramos a hóstia sagrada –
Somos meia dúzia, serenos, contentes.

DOS MEUS ACTOS

Conheço a diferença entre Mal e Bem.
Muitos não conhecem. São menos culpados
Quando escolhem mal. Eu estive em Belém:
Todos os segredos me foram mostrados;
Conheço a Serpente melhor que ninguém;
Todos os meus actos irão ser julgados.

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA

Vento calmo de Verão,
Suspiro de açucena,
Conduz a minha mão,
Dá luz ao meu poema.

Mãe da serenidade,
Embala-me em teus braços,
Guia a minha vontade,
Encaminha os meus passos.

Dá-me a paz que eu procuro,
Sem medos, ambições.
Dá-me um porto seguro,
A salvo das paixões,

Tirando a que me liga
À flor que desposei:
A minha esposa amiga
A quem eu me entreguei.

Oh mãe celestial,
Mãe da serenidade,
Protege-me do Mal,
Transforma-me em Bondade.

Esquecido do meu ser,
Não tenha mais que um fim:
Ao ver outros sofrer,
Tudo lhes dar de mim!

A GRAÇA

Acontecem milagres
Cada dia que passa.
A cada hora vem
Ao nosso encontro a Graça.

Sorriso de me ver
Assim tão bafejado,
Tão perto do Destino
Que me foi destinado.

(Mas devo-me vencer
Cada dia que passa
P'ra me ver bafejado
Pela divina Graça...)

ApasionadaMente

“ENTRELINHAS”

Meti uma mensagem na garrafa;
Da minha ilha a lancei ao mar.
Nunca pensei que alguém a fosse achar.

A mensagem era p’ra mim, ou para Deus;
Da minha ilha a lancei ao mar,
E, depois, sentei-me a chorar.

A minha mensagem, levaram-na as marés;
Vagabundeou ao sabor das correntes;
Crestaram ao sol as palavras frias e doentes.

A minha mensagem foi dar aonde tu estavas,
Que também vivias sozinha numa ilha,
Irmã das águas e do Sol a filha.

Tiraste a mensagem da garrafa;
Leste-a devagar;
Construiste um barco e fizeste-te ao mar.

.....

E assim se uniram as almas solitárias,
Assim sorriu para nós dois a vida;
Tudo por causa da mensagem
Que eu não escrevera p’ra que fosse lida...

SONHO DE UMA MANHÃ DE OUTONO

Tombavam das árvores as folhas amarelas,
Dezenas a um tempo pairando no ar,
Passava ele devagar na clareira.
Subiam do lago bolhas como estrelas,
Num absurdo fervor de cintilar.
Um vago vento. Uma ténue nuvem de poeira.
Ao longe, um lamento. Uma princesa talvez a chorar.
Abrandou o passo e deixou de pensar.
Pisava as finas folhas amarelas,
E reparou, sem dar por isso, numa delas.
Estava já morta, como as outras,
Mas ainda se ouvia a respirar.
Quando lhe pegou, era uma rosa,
Que ofereceu à princesa que chorava.
E a luz do sol explodiu, esplendorosa,
E agora já nada os separava.

A CHAMA SAGRADA

Vós todos que amais:
Se já sois felizes,
Podeis sê-lo mais!

Tu também, Fernando,
Tu que és tão feliz
Amado e amando
(Que coisa tão linda!),
Podes ir mais alto,
Muito mais ainda!

Vós todos que amais
(Tu também, Fernando),
Ouvi o que diz
Este meu compêndio:
Fazei soprar ventos
Na Chama Sagrada
Que é o vosso amor,
Até que ela cresça
Até ser incêndio!

IT'S SOOO..... EASY!

É tão fácil ser feliz!...
Basta só o nosso querer!
Se outrora fui infeliz,
Foi só porque assim o quis.

É tão fácil ser feliz,
Temos tão pouco a fazer,
Que me espanto agora ao ver
Como outrora não o fiz!

É tão fácil ser feliz...

NO CROMELEQUE DOS ALMENDRES

As pedras milenares
Erguem-se para os céus.
Não há nuvens nos ares.
O sol bate por trás,
Coado pelas árvores.
A terra é tão castanha...
Há uma luz estranha
Filtrada pela brisa
Leve como um suspiro.
Cada pedra é tão lisa...
Quem foi que as alisou?
Quem foi que as levantou?
Quem quis alcançar Deus?
Foram antepassados,
Os nossos, meus e teus,
Mulher que me acompanhas.
E Ele está aqui
Mais que em qualquer igreja
E abençoa os dois
Na brisa que nos beija.

PRESENTE MAIS QUE PERFEITO

As coisas boas chegam em revoadas:
Eu entro na «Nova», tu tens novo editor;
Há meses, saiu o nosso «Álbum de Amor».
Que mais bênçãos nos estão reservadas?

Oiço música – juro que sim!
Quero lançar-me ao trabalho como um louco –
Daqui a pouco,
A minha tese está no fim!

E, no dia vinte e um, Sua Alteza
Vai apadrinhar o «D. Antão»,
Que tu escreveste. Eu tenho mais um livro em preparação.
Corre tudo tão bem que mo publicam, com certeza!

Mas melhor que tudo é o amor,
Que nos liga e nos une sempre mais.
Senhor, graças vos damos por tudo o que nos dais!
Nunca vos arrependereis, Senhor!

PoliticocialMente

LISBOA 94

Lisboa está em obras.
No céu, ninhos de cobras
Restringem horizontes
Enquanto "ele" faz pontes.

Lisboa, escalavrada,
É pré-inaugurada
Com circunstância e pompa
E gemidos de trompa.

Lisboa está em obras.
No céu, ninhos de cobras
Putreficam o ar
E crescem sem cessar...

O PAI AUSENTE *ou* A NOVA MORAL

À Maria e ao Gui

Onde está o pai deste menino?
Falta alguém nesta festa de família.
São muitos os convivas e de muitas idades –
Mas onde está o pai do mais pequenino?

A mãe morde os lábios para não chorar.
O menino grita; sente: “falta alguém”.
E eu vejo tudo e quero gritar:
“As santas fronteiras entre Mal e Bem,
Quem as apagou, que o quero matar?!”

A festa acabou. O menino dorme.
Os primos cantaram canções de Natal,
Ao som da viola que o seu pai tocou.
Houve festa a sério, risos, alegria...
Voltamos a casa, cada qual à sua,
Mas a do menino parece vazia.

31 DE JANEIRO

Ao Capitão Amaral Leitão, de quem sou bisneto por afinidade

Quem te traiu naquela madrugada,
Quando saíste à rua de cara destapada
Com um punhado de fiéis?

Querias pôr fim à podridão,
Mas a podridão foi mais forte do que tu,
Oh bravo Capitão...

Agora, já ninguém sabe de ti,
Mas eu desposei a tua neta Teresa,
E quero estes versos diferentes de tudo o que escrevi:
Um grito épico, um furor,
Um louvor à tua épica proeza!

SOCIEDADE DAS NAÇÕES

Morre-se e mata-se em Timor.
O horror
Perpetua-se por anos.
Paz? – Da paz há planos.

Chovem bombas e mísseis nos balcãs,
Vindas dos ares,
E os sérvios massacram kosovares –
As mesmas notícias, todas a manhãs.

Nas ruas de Istambul gritam os curdos,
E matam turcos e os turcos matam curdos,
E os turcos gritam aos ouvidos curdos –
Mas são todos surdos.

Na Palestina, que agora é Israel,
A guerra também cumpre o seu papel.
Morreram hoje mais uns quantos palestinianos.
Paz? – Da paz há planos.

É assim desde que há humanidade,
E os de fora discutem a verdade,
Perguntam que lado tem razão.

Razão? Ninguém tem razão,
Enquanto existir o conceito de nação.

O GRANDE CAPITAL

Olha os porcos no chiqueiro
À procura de dinheiro!
Querem sempre e sempre mais
Estes lindos animais!
Sempre a tresandar a lodos,
Passam por cima de todos
P'ra sugar mais uns centavos
Aos que são como que escravos
Do seu poder sem limite.
Formidável apetite! –
Desde a manhã ao deitar,
Comem, comem, sem parar!
E vendem aos outros bichos
A sua trampa, os seus lixos,
Porque tudo se aproveita
Se nunca está satisfeita
A fome devoradora
Desta raça duradoura.
E se os outros vivem mal,
Acham isso natural:
É que não merecem mais;
São uns fracos animais,
Sem engenho e sem talento,
Sem bom fôlego e sem alento
Para subirem na vida;
Derrotados à partida
São só bons p'ra trabalhar,
Dar aos porcos a ganhar
Tudo o que um porco deseja.
Condenam toda a inveja,
Que é pecado muito feio,
E recomendam asseio
Ao resto da bicharada,
Desde a ave depenada
Até ao gato indigente.
Para eles é diferente –
Vivem entre a porcaria
Do princípio ao fim do dia...

A LUTA CONTINUA

A minha luta não é contra o grande capital,
Nem por uma nova ordem social,
Ou qualquer coisa assim.
A minha luta é contra o mal
Que há em mim.